

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA – DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

GILVANE FACCIO

ALCOOLISMO: UM CASO DE SAÚDE PÚBLICA
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL NO
BRASIL

Porto Alegre

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA - DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA 2008

GILVANE FACCIO

ALCOOLISMO: UM CASO DE SAÚDE PÚBLICA
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A DEPENDÊNCIA DO ÁLCOOL NO
BRASIL

**Trabalho de conclusão apresentado
como requisito parcial para obtenção do
Certificado de Especialização em Saúde
Pública.**

ORIENTADOR: Profa. Dra. Daniela Knauth

PORTO ALEGRE

2008

**“Beber inicia num ato de liberdade, caminha para o hábito e, finalmente, afunda na
necessidade”**

Benjamin Rush

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma revisão da literatura científica produzida no Brasil a respeito do alcoolismo. Trata-se de um problema social e de saúde pública na medida em que gera a exclusão dos sujeitos individuais e coletivos, muitas vezes atribuindo rótulos e conotações pejorativas e afetando a sua qualidade de vida. A busca por bebidas alcoólicas que proporcionam ao sujeito a alteração de seu estado de consciência tem sido uma característica observada em diversas culturas, mas a partir da modernidade o uso do álcool assume dimensão compulsiva. Com o passar do tempo, a dependência do álcool foi reconhecida como doença pela Organização Mundial da Saúde, ficando estabelecido o atendimento aos dependentes químicos através de uma política de saúde por meio do programa de Saúde Mental que integra a rede de atendimento. A presente revisão procurou identificar, a partir da literatura, qual o perfil predominante dos alcoolistas e o que leva estes a dependência do álcool. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica nos bancos de dados Bireme, Scielo, Lilacs de caráter qualitativo, descritivo e exploratório. Nessa pesquisa foi possível obter alguns dados referentes ao perfil e fatores associados ao consumo excessivo de álcool. Observou-se que os usuários de álcool são na sua maioria homens, de nível social baixo, idosos, porém adultos jovens e idade de início cada vez mais precoce se destacam, e os fatores como o fumo e local de residência, principalmente moradores da região sul, estão associados com o consumo de álcool.

UNITERMOS: alcoolismo, dependência alcoólica, saúde mental.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	05
	1.1 Contextualização do problema.....	07
	1.2 Justificativa.....	08
	1.3 Objetivos.....	08
	1.3.1 Objetivo Geral.....	08
	1.3.2 Objetivos Específicos.....	08
2.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	09
	2.1 Metodologia Utilizada.....	09
	2.2 Aspectos Éticos.....	10
3.	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO.....	11
	3.1 Revisão Teórica.....	11
	3.1.1 Histórico do Alcoolismo.....	11
	3.1.2 Desenvolvimento da Dependência.....	16
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	19
	4.1 Quem são os alcoolistas no Brasil.....	20
5.	CONCLUSÃO.....	23
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25
7.	ANEXOS.....	28
	Anexo I.....	29
	Anexo II.....	46
	Anexo III.....	47

1. INTRODUÇÃO

O alcoolismo pode ser considerado um problema de saúde pública de escala mundial. No Brasil o abuso e dependência combinados afetam aproximadamente 8% da população (BAU, 2002).

O alcoolismo afeta a saúde da pessoa em seu todo, pode ser definido como uma síndrome multifatorial, com comprometimento físico, mental e social (DWARDS & GROSS apud BAU, 2002).

A dependência ao álcool definida como alcoolismo, tem se modificado desde que o termo foi proposto no século XIX, pelo médico Magnus Huss. A palavra se popularizou e se vulgarizou ao mesmo tempo em que os conhecimentos científicos sobre o tema foram se ampliando (DIEMEN; LUZ JUNIOR e SOIBELMAN apud DUNCAN et al, 2004).

Segundo Lima Wagner (apud ANDERSON e CASTRO FILHO, 2006), o alcoolismo tem-se constituído, ao longo do tempo, em um dos grandes problemas ocultos do atendimento à saúde, tanto pela dificuldade que têm o alcoolista e sua família em expor uma condição que a sociedade entende como falta de caráter, quanto pelo problema aparecer geralmente indiretamente, através da demanda de atendimento de familiares com queixas variadas em função do estresse causado pela existência de um alcoolista no domicílio.

6

O uso excessivo de bebida alcoólica causa danos à saúde, o ser físicos (como casos de hepatite alcoólica) ou mentais (como episódios de transtorno depressivo secundário a um grande consumo de álcool). A síndrome de dependência caracteriza-se por um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, e principalmente pelo desejo irresistível de consumir álcool (DIEMEN; LUZ JUNIOR; SOIBELMAN apud DUNCAN et al 2004).

O autor Vaillant (apud RAMOS; WOITOWITZ, 2003) afirma que todo problema com o beber é progressivo, e o alcoolismo nem sempre é uma doença fatal. Assim sendo, a

realização de estudos e pesquisas sobre o assunto é de extrema importância, bem como a identificação dessa clientela que necessita com urgência de atendimento.

A abrangência e o aumento progressivo da dependência de álcool foi o que me lançou ao desafio para atualização do conhecimento através de uma revisão da literatura especializada, com o objetivo de identificar quem são os usuários e os fatores relacionados ao uso consumo abusivo de álcool relatado pelas pesquisas científicas no Brasil.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

A dependência ao álcool pode ser um dos fatores de atrito com os colegas, afetando o convívio social e que se estende aos familiares, desenvolvendo também uma

série de problemas de saúde, prejudicando o físico e o psicológico. O raciocínio se torna lento, podendo comprometer o desenvolvimento das tarefas e a compreensão das mesmas, levando muitas vezes ao envolvimento em acidentes de trabalhos e dependendo o estado de embriaguez a acidentes de trânsito. O dependente de álcool, no auge de sua doença, perde o seu emprego, sua cidadania e seus direitos sociais ficando desamparado e excluído na sociedade.

Em nossa sociedade, os níveis dos processos de saúde - doença se expressam como problemas de saúde pública, na interface entre Estado e a sociedade, entre o particular e o público, entre o individual e o coletivo, como o caso do alcoolismo.

A dependência ao álcool, como às outras drogas, significa o processo de adoecimento físico e psicológico do ser humano. Este adoecimento pode dar-se pelo sofrimento gerado pela pressão e pela necessidade da luta pela sobrevivência, por hereditariedade ou pelo ambiente em que o indivíduo estiver inserido.

E é neste momento de subjetividade da saúde que encontramos o indivíduo, vulnerável, tentando amenizar o sofrimento do seu contexto diário, que busca no uso do álcool ou outras drogas o suporte para o enfretamento da realidade do mundo pessoal, profissional, familiar ou social como uma forma de alívio. A questão das drogas deve ser tratada fundamentalmente como um problema de saúde pública, independentemente de qual seguimento da sociedade esteja atingindo.

Com o uso sistemático de álcool, a pessoa torna-se dependente, afetando desta maneira a sua saúde, tornando se doente e com este processo ir g lusão social, com a perda gradativa de sua cidadania e dos seus direitos s ando com a perda de sua identidade.

A questão da dependência química dentro do setor de saúde pública nos atuais dias vem sendo aceita pelos profissionais de saúde como doença mental, de necessária e urgente atenção. Essa atenção será possível se identificarmos o perfil do alcoolista e os fatores que estão associados à dependência, cuja proposta é abordada no presente trabalho.

1.2 JUSTIFICATIVA

Atualmente é grande o número de pessoas que fazem uso abusivo de álcool, conseqüentemente o número de dependentes é cada vez maior, por isso esse problema se tornou de saúde pública.

A alta freqüência de casos de consumo excessivo de bebidas alcoólicas, a ausência de políticas públicas mais gerais para tratar esses usuários, e a dificuldade da medicina neste diagnóstico e tratamento, resultam na importância da abordagem ao alcoolismo e na necessidade de estudos que possam informar as políticas públicas brasileiras para que as mesmas sejam mais eficazes.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Identificar, através de revisão bibliográfica de estudos sobre alcoolismo no Brasil, quem é o indivíduo dependente alcoólico, e o quais os principais fatores que levam ao uso abusivo de álcool.

1.3.2 Objetivos específicos

- Investigar a produção de estudos sobre o alcoolismo no Brasil;
- Descrever quem são esses indivíduos que fazem uso abusivo do é
- Identificar os fatores relacionados à dependência alcoólica.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Metodologia utilizada

Este trabalho é uma revisão bibliográfica voltada a sistematizar os artigos científicos publicados entre 1998 e 2008 no tema pesquisa de alcoolismo. A estratégia de busca da produção existente sobre o tema envolveu pesquisa em bases de dados disponíveis *on-line*, como *Scientific Eletronic Library On-line (SciELO)*, *Literatura Latino Americana, do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS)* e *Bireme*. Como descritores para busca foram utilizados os seguintes termos: alcoolismo, alcoolismo no Brasil e dependência alcoólica.

A pesquisa bibliográfica, segundo Gil (1999), é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Primeiramente, foi realizada uma consulta bibliográfica para selecionar o material adequado à definição do sistema conceitual da pesquisa e a sua fundamentação teórica. Também se fez necessária à consulta ao material já publicado tendo em vista identificar o estágio em que se encontram os conhecimentos acerca do item que se está pesquisando.

Ainda de acordo com Gil (1999), a leitura na pesquisa bibliográfica deve identificar as informações e os dados constantes dos materiais; estabelecer relações entre essas informações e dados e o problema proposto; e analisar a consistência das informações e dados apresentados pelos autores. Deve seguir a seguinte ordem: leitura explanatória, leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa e leitura explanatória, procurando-se o índice ou sumário, o prefácio, a contracapa, os títulos e subtítulos e resumos pesquisando as informações desejadas.

Na leitura seletiva verificou-se, com mais atenção às obras de maior importância para a pesquisa, detendo-se mais ao assunto.

No desenvolvimento desta pesquisa, procurou-se consultar o maior número de obras que tivessem relação com o alcoolismo. Buscando sistematizar a análise, foram utilizadas fichas de indicação bibliográfica com a descrição do autor, obra, assunto e fonte.

Concluído o levantamento bibliográfico realizou-se uma seleção dos artigos que abordavam de forma mais completa e consistente o tema pesquisado, no período proposto. Assim, 17 artigos foram selecionados, analisados e serviram de base para a presente revisão bibliográfica.

2.2 Aspectos éticos

Justificativa para a não realização do termo de consentimento livre e esclarecido: o material utilizado para a pesquisa consiste exclusivamente de dados descritos em artigos publicados. É necessário observar que, por se tratar de uma revisão bibliográfica, não houve contato do pesquisador com os atores envolvidos e, portanto, não houve exposição dos mesmos a eventuais riscos, nem discriminação na sua seleção.

3. DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO

3.1 Revisão teórica

3.1.1 Histórico do Alcoolismo

O consumo de bebidas alcoólicas faz parte da história da humanidade há milhares de anos. Esse consumo tem ocorrido em várias culturas conhecidas desde a Antiguidade. Há evidências de que nas mais antigas tribos essas substâncias eram utilizadas em rituais religiosos ou místicos para possibilitar ao indivíduo poderes de ver, sentir ou pressentir o que os outros na sobriedade não alcançavam.

No antigo Oriente Médio, nas populações anteriores a Cristo, as bebidas fermentadas eram um elemento pelo qual as elites controlavam a produção de bens, demonstravam *status* e praticavam o comércio entre populações distantes. As bebidas destiladas, com uma maior concentração de álcool, tiveram sua produção intensificada, na Idade Média e assim, sucessivamente, os problemas relacionados com o álcool tornaram-se socialmente relevantes (BERRIDGE apud BAU, 2002).

O conceito de alcoolismo surgiu no século XVIII, logo após a crescente produção e comercialização do álcool destilado, conseqüente à revolução industrial. Destacam-se os seguintes autores: Benjamin Rush, Thomas Trotter (o primeiro a referir ao alcoolismo como "doença") e o sueco Magnus Huss (1849), o primeiro a definir o conceito de "alcoolismo crônico", estado de intoxicação pelo álcool que se apresentava com sintomas físicos, psiquiátricos ou mistos (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Em 1976, surge a Síndrome de Dependência do Álcool (SDA), proposta por Griffith Edwards e Milton Gross. A qual é descrita como um transtorno que se constitui ao longo da vida, dependendo da interação de fatores biológicos e culturais, como religião e valor simbólico do álcool em cada comunidade. Sendo uma forma de aprendizado individual e social do modo de se consumir bebidas e nesse processo de aprendizado de usar o álcool, um dos fenômenos mais significativos é a abstinência. Assim, quando a pessoa passa a ingerir a bebida para aliviar esses sintomas é estabelecida a associação que sustenta tanto o desenvolvimento quanto a manutenção da dependência (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Na segunda metade do século XX, o sistema de classificação foi modificado, devido à necessidade de critérios de maior confiabilidade e validade, então se passa a considerar os problemas com o álcool e outras drogas que não envolviam adicção ou dependência. O nome de Jellinek, com seu clássico trabalho "*The Disease Concept of Alcoholism*", teve evidência, e exerceu grande influência na evolução do conceito de alcoolismo. A partir disso o alcoolismo passa ser considerado uma doença apenas quando o usuário apresenta tolerância, abstinência e perda do controle. Sendo considerada tolerância a necessidade de doses cada vez maiores de álcool para exercer o mesmo efeito, ou diminuição do efeito do álcool com as doses anteriormente tomadas; e síndrome de abstinência considerada um quadro de desconforto físico e/ou psíquico quando da diminuição ou suspensão do consumo etílico (GIGLIOTTI; BESSA, 2004).

Alcoolismo, segundo Edwards & Gross, Edwards et al. (apud BAU, 2002), pode ser definido como uma síndrome multifatorial, com comprometimento físico, mental e social. A dependência pode ser descrita como a alteração da pessoa em relação a sua forma de beber, na qual, os motivos pelos quais o indivíduo começa a beber se tornam relacionados à dependência. Dessa forma, a dependência é um comportamento que vai muito além da tolerância e abstinência.

Segundo Edwards e Gross (apud GIGLIOTTI; BESSA 2004) os elementos da Síndrome de Dependência Alcoólica são:

- 1) Estreitamento do repertório:** Inicialmente, o usuário bebe com flexibilidade de horários, quantidade e tipo de bebida. Ao longo do tempo, passa a beber com mais frequência, até consumir todos os dias, em quantidades cada vez maiores, de maneira compulsiva e incontrolável.
- 2) Saliência do comportamento de busca do álcool:** O indivíduo passa a priorizar o ato de beber, colocando a bebida acima de qualquer outro valor, como saúde, família e trabalho.
- 3) Aumento da tolerância ao álcool:** Com a evolução da síndrome, há necessidade de doses crescentes de álcool para obter o mesmo efeito obtido anteriormente com doses menores.

4) Sintomas repetidos de abstinência: Quando ocorre diminuição ou interrupção do consumo de álcool, surgem sinais e sintomas de intensidade variável. No início, eles são leves, intermitentes e pouco incapacitantes, mas, nas fases mais severas da dependência, podem ocorrer tremor intenso e alucinações.

Os estudos descritivos por Edwards e Gross (apud GIGLIOTTI; BESSA, 2004) identificaram três grupos de sintomas:

- físicos: tremores (finos de extremidades até generalizados), náuseas, vômitos, sudorese, cefaléia, câibras, tontura.
- afetivos: irritabilidade, ansiedade, fraqueza, inquietação, depressão.
- senso percepção: pesadelos, ilusões, alucinações (visuais, auditivas ou tácteis).

5) Alívio ou evitação dos sintomas de abstinência pelo aumento da ingestão da bebida: Este é um sintoma importante e difícil de ser identificado na fase inicial da SDA. Evidencia-se na progressão do quadro, com o paciente admitir beber pela manhã para sentir-se melhor.

6) Percepção subjetiva da necessidade de beber: Há uma pressão psicológica para beber e aliviar os sintomas da abstinência.

7) Reinstalação após a abstinência: Mesmo depois de períodos longos de abstinência, se o paciente tiver uma recaída, rapidamente restabelecerá o padrão antigo de dependência.

Segundo Gigliotti e Bessa (2004), essa sistematização da Síndrome de Dependência Alcoólica, descrita por Edwards, teve sua validade clínica comprovada por inúmeros estudos e modificou a compreensão dos problemas relacionados ao álcool, influenciando as classificações posteriores.

Os critérios diagnósticos atuais são baseados na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial da Saúde (1993), e no Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais da Associação Norte-Americana de Psiquiatria (DSM-IV; American Psychiatric Association, 1994).

Sendo um transtorno com múltiplas repercussões na saúde do indivíduo, a Síndrome de Dependência ao Alcool se apresenta em diversos graus e formas. A CID-10 traz a classificação F10 - Transtornos mentais e de comportamento decorrentes do uso de álcool, com as seguintes subdivisões:

- F10. 0 - Intoxicação aguda
 - F10. 1 - Uso nocivo
 - F10. 2 - Síndromes de dependência
 - F10. 3 - Estado de abstinência
 - F10. 4 - Estado de abstinência com delirium
 - F10. 5 - Transtorno psicótico
 - F10. 6 - Síndromes amnésicas
 - F10. 7 - Transtorno psicótico residual e de início tardio
 - F10. 8 - Outros transtornos mentais e de comportamento
 - F10. 9 - Transtorno mental e de comportamento não-especificado
- (CID-10, 1993, p.69)

No mundo ocidental, cerca de 90% da população adulta consome algum tipo de bebida alcoólica, 10% desses bebedores irão apresentar um uso nocivo, outros 10% se tornará dependente, ou seja, em cada cinco bebedores, um indivíduo de saúde por ingerir bebida alcoólica (RAMOS e WOITOWIT, 2004).

O consumo de bebidas alcoólicas é amplamente difundido e socialmente aceito na maioria dos países. Além de ser utilizado como forma de socialização e inserção em determinados grupos, sabe-se que a maioria das pessoas utiliza bebidas alcoólicas na busca de efeitos prazerosos. Porém, estima-se que aproximadamente um quarto da população adulta já teve problemas crônicos associados ao uso de álcool em algum momento de suas vidas (DIEMEN et al, apud DUNCAN et al, 2004).

A partir do século XVII, o consumo de álcool passou a ser visto como um problema de saúde, chamando a atenção dos profissionais médicos e das comunidades. Nesse momento ainda era visto como sendo um problema das comunidades urbanas pobres e da periferia, as quais seriam responsáveis pelo manejo da situação-problema (ANDERSON e CASTRO FILHO, 2006).

No século XIX, com a industrialização, o consumo de álcool passou a ser um problema maior, pois na lida com máquinas e caldeiras os acidentes se tornaram sérios.

No século seguinte, houve radicalização de setores da sociedade norte-americana quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, que culminou com a “lei seca”, que proibia o

consumo e comercialização de bebidas alcoólicas nos anos de 1920 (WAGNER apud ANDERSON e CASTRO FILHO, 2006).

Nos anos de 1980, Hearther e Robertson (WAGNER apud ANDERSON e CASTRO FILHO, 2006), demonstraram que o alcoolismo é um hábito adquirido e que para seu entendimento seria necessária à compreensão dos fatores associados ao consumo do álcool.

Desde então, estudos etiológicos são realizados para tentar discriminar o que as pessoas que se tornam dependentes tem de diferente daquelas que não se tornam, pois enquanto alguns têm prazer com o consumo de bebidas alcoólicas, as quais inclusive podem lhes prover certo efeito protetor de inúmeras afecções clínicas, com o tempo, portadores de uma das enfermidades mais desgastantes da saúde, tanto para ele quanto para sua família (RAMOS e WOITOWIT,

Segundo Moraes et al (2006), a etiologia e as conseqüências da Síndrome da Dependência Alcoólica estão relacionadas com problemas de ordem biopsicossocial, como sofrimento e complicações físicas e mentais, desemprego, violência e criminalidade, mortalidade, morbidade, entre outros, decorrentes do abuso e/ou dependência alcoólica, que afetam tanto o próprio usuário, quanto seus familiares.

Muitos fatores de diversas origens contribuem para o desenvolvimento da dependência; no entanto, a organização familiar mantém uma posição de saliência no desenvolvimento da situação do quadro de dependência do álcool. O impacto que a família sofre com o uso de álcool por um de seus membros é correspondente às reações que vão ocorrendo com o usuário. Esse impacto pode ser descrito através de estágios pelos quais, a família progressivamente passa sob a influência das alterações produzidas pelo álcool na vida de seu integrante.

Segundo Wagner (apud ANDERSON e CASTRO FILHO, 2006), são alvos fáceis da dependência, as pessoas que encontram no ato de beber respostas de prazer e de fuga de estresses e inibições, além de fatores predisponentes, história familiar e situações de desajuste sócio-familiar, onde o álcool é utilizado como válvula de escape para o sofrimento enfrentado. Como o álcool age exatamente nas partes altas do cérebro, onde se processam a capacidade crítica e a análise de situações, uma vez inibidas essas

funções, a sensação de descompromisso, vergonha ou medo ficam diminuídos. Assim, o indivíduo liga-se a situações de busca de prazer, como o álcool, se tiver dificuldade de expressar emoções ou sentimentos de, ou quando tiver receio de se expor.

3.1.2 Desenvolvimento da Dependência

Conforme Moraes et al (2006), no Brasil, entre os anos de 1970 e 1996, ocorreu um acréscimo de 74,53% no consumo de bebidas alcoólicas. Estimase que 17,1% da população brasileira seja dependente de álcool, este índice, dividido por gênero, aponta a dependência em 17,1% da população masculina e 5,7% da população

A dependência do álcool incide em 10% a 12% da população mundial e, de acordo com o primeiro levantamento domiciliar sobre o uso de drogas, 11,2% dos brasileiros que vivem nas 107 maiores cidades do País. Porém somente 4% das pessoas receberam algum tratamento para o uso de álcool. Assim sendo, é possível concluir que os problemas relacionados ao consumo de álcool são alarmantes e responsáveis por mais de 10% dos problemas totais de saúde no Brasil (MELONI e LARANJEIRA, 2004 apud FONTES et al., 2006).

Conforme Moraes et al (2006), no Brasil, o álcool é responsável por 85% das internações decorrentes do uso de drogas; 20% das internações em clínica geral e 50% das internações masculinas psiquiátricas. Além disso, estudo realizado em Recife, Brasília, Curitiba e Salvador detectou índice de 61% de casos de alcoolemia em pessoas envolvidas em acidentes de trânsito.

Estudo realizado em 1993, pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), mostrou que o alcoolismo, se comparado a outros problemas de saúde, é responsável por gerar três vezes mais licenças médicas; aumentar em cinco vezes as chances de acidentes de trabalho; aumentar em oito vezes a utilização de diárias hospitalares, e levar as famílias a recorrerem três vezes mais às assistências médica e social (Moraes et al, 2006, p. 324).

O aumento do consumo de álcool eleva a gravidade dos problemas decorrentes e conseqüentemente, o custo social. Dados especulativos, porém relevantes, estimam que o

Brasil gaste, anualmente, 7,3% do Produto Interno Bruto (PIB) com conseqüências de problemas relacionados ao álcool (MORAES et al, 2006).

O álcool produz mudanças cerebrais, psicológicas e sociais que não desaparecem após a desintoxicação, portanto, após o tratamento, deve haver uma série de cuidados ao longo da vida, para que não hajam recaídas.

Segundo Antunes (2002, p. 530):

Quando se reflete sobre as transformações vivenciadas no sindicalismo nos países centrais e seus paralelos com aquele praticado no E
devidas mediações. Participamos de um contexto econô
cultural que tem traços universais do capitalismo globaliza
que tem singularidades que, uma vez apreendidas, poss
que é típico desse canto do mundo e desse modo de reter :
18 azer as
olítico e
lo, mas
aquilo
lade.

Existe uma rede de saúde disponível para atender os casos de dependência e abuso, citado nos anexos II, e III, algumas informações e endereços de locais que oferecem serviços de apoio onde podem ser atendidos os dependentes de álcool e seus familiares e ou amigos.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A presente pesquisa bibliográfica foi realizada levando-se em conta os estudos realizados no período dos últimos dez anos, nos sites de busca, *Scielo*, *Lilacs*, e *Bireme*. Utilizaram-se as palavras chave “*alcoolismo*”, “*dependência ao álcool*” e “*dependência ao álcool no Brasil*”, tema do presente trabalho. No *Scielo* foram identificados 214 artigos, no *Lilacs* 76 e na *Bireme* 22 artigos. Deste conjunto de publicações foram selecionados para serem analisados na presente revisão somente 17 artigos, visto que apenas estes abordaram o tema referente à pesquisa, que era focar o perfil e fatores associados à dependência ao álcool.

A análise dos artigos levou em consideração as seguintes categorias: metodologia utilizada, população-alvo do estudo, variáveis analisadas, principais resultados. Os resultados se encontram sistematizados no anexo I.

No que se refere à metodologia, 6 dos artigos encontrados são pesquisas que utilizaram metodologia qualitativa, 4 artigos são pesquisas que fizeram uso de metodologia quantitativa e 7 artigos são revisão bibliográfica.

A população estudada pelos 17 artigos analisados é a população adulta masculina e feminina em 6 desses artigos; sendo que 1 artigo aborda o alcoolismo especificamente na população masculina e 1 artigo especificamente na população feminina. Ainda outros 3 artigos se referem a pesquisa específica da população adolescente, sendo que 1 desses artigos aborda o tema alcoolismo na população adolescentes e pré-ad 20 os 6 artigos restantes são estudos descritivos, 1 sobre a história do alcoolismo com a sociedade em um todo, 2 estudos específicos sobre epidemiologia sobre critérios diagnósticos, 1 artigo sobre custo social e 1 artigo sobre políticas públicas relacionadas ao alcoolismo.

O estudo desses artigos analisados e descritos acima, foi realizado com grupos específicos, em cidades e Instituições do Brasil, grande parte pertencente ao estado do Rio Grande do Sul.

4.1. Quem são os alcoolistas no Brasil

A partir dos artigos analisados é possível identificar que os usuários de álcool no Brasil são na sua maioria homens, de nível social mais baixo, e que fatores como o fumo e local de residência, principalmente em moradores da região sul, estão associados com o consumo de álcool.

Segundo Costa et al. (2004), em estudo de um grupo de 2.177 indivíduos adultos (20 a 69 anos) residentes na zona urbana da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul (RS), a prevalência de consumo abusivo de álcool foi de 14,3%, sendo 29,2% para os homens e 3,7% para as mulheres. Nesse estudo após análise ajustada, homens, idosos, indivíduos com pele preta ou parda, de nível social mais baixo, fumantes pesados e que apresentam alguma doença crônica, apresentaram consumo abusivo de álcool.

Concordante com o fator sexo, classe social e tabagismo, encontra-se o estudo transversal de base populacional no município de Rio Grande (RS), de Primo e Stein

(2004). Com uma amostra de 1.044 indivíduos, de ambos sexos, com idade entre 12 e 75 anos, os autores observaram que 5,5% dos indivíduos abusavam de álcool, desses 2,5% eram dependentes, e as variáveis, sexo masculino (razão de chances - RC=6,28), tabagismo (RC=5,42) e classe social E (RC=5,37) tiveram uma associação significativa com o alcoolismo.

Na pesquisa de Horta et al. (2007), pesquisando Tabaco, álcool e outras drogas entre os adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, também o menino se sobressaiu, observou-se que no mês anterior as entrevistas houve o consumo de bebida alcoólica maior entre os meninos.

Para Galduróz et al. (2005) apud Pechansky et al (2004), após realização do I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil (2001), em uma população de 8.589 pessoas entrevistadas, nas idades entre 12 e 65 anos, a prevalência do consumo de álcool foi de 48,3% por parte dos jovens de 12 a 17 anos, em 107 grandes cidades brasileiras. Sendo que nesta mesma faixa etária, a prevalência de dependência de álcool foi 5,2%.

Conforme Vieira et al. (2007), estudando a evidência de associação entre uso precoce de álcool e risco de problemas futuros, a média de idade de primeiro uso de álcool encontrada foi de 12,35 (sd = 2,72), variando entre 5 e 19 anos. Em 78% dos casos, o primeiro uso de álcool ocorreu antes dos 15 anos, sendo que mais de 22% dos adolescentes relataram que experimentaram bebida alcoólica antes dos 10 anos.

Ainda analisando os dados do I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil, pesquisados por Galduróz et al. (2005) citado acima, além da utilização e dependência ao álcool, entre adolescentes, encontrou-se a maior prevalência de uso de álcool associada à região Sul (54,5%) e maior prevalência de dependência de álcool nas regiões Norte e Nordeste (9,2 e 9,3%, respectivamente).

..., de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2002), a cidade de Porto Alegre, RS, lidera o ranking dos usuários regulares de SPA lícitas e ilícitas, com 14,4% de usuários de álcool (UNESCO apud PECHANSKYA; SZOBOTA; SCIVOLETTO, 2004, p. 15).

Além desses fatores associados ao alcoolismo, Baú e Dotto (2002), abordam os fatores genéticos que podem estar relacionados à dependência ao álcool.

Já Nascimento e Justo (2000), após estudo realizado com doze sujeitos que faziam uso de bebidas alcoólicas, albergados numa Instituição Assistencial da cidade de Assis, São Paulo, colocam como atribuição dos próprios sujeitos o uso do álcool como forma de esquecer os problemas, maior encorajamento e fugir dos conflitos afetivos já existentes, em geral relacionados à infidelidade conjugal.

A partir desses estudos é possível associar o uso de álcool a fatores como sexo, classe social e idade, entre outros, mas o importante, passo inicial é o diagnóstico, para identificar o usuário como dependente (alcoolista) ou não, e assim investigar os fatores associados.

O quadro clínico da Síndrome de Dependência ao Álcool é bastante estudado e conhecido e, embora os critérios diagnósticos sejam claros e tenham sido estabelecidos há vários anos, os transtornos relacionados ao uso de álcool ainda constituem um drama para a saúde pública, tanto pela dificuldade de seu tratamento quanto pelo desafio que a identificação dos casos iniciais e, às vezes, até dos quadros mais avançados representam para os médicos (GIGLIOTTI; BESSA, 2004, p. 13).

No entanto, seja quais forem os fatores associados ou público usuário, o álcool é importante fonte de danos para a saúde e segurança públicas, por isso Dualibi e Laranjeira (2007), afirmam que ele não pode ser tratado como um produto qualquer, inócuo e sujeito as leis de mercado.

O álcool é considerado causa de muitos adoecimentos e mortes no mundo todo, ocasionando diversas conseqüências sociais negativas, de forma que os estudos e pesquisas sobre esse tema têm extrema importância, para que seja possível intervir e modificar o preocupante quadro atual de alcoolismo.

5. CONCLUSÃO

Além de o alcoolismo ser uma doença, ele acaba ocasionado outros tipos de enfermidades no indivíduo, é um problema para o alcoolista em si e para todos que o cercam. Toda essa situação acaba gerando além de preocupação para a nação, um alto custo social, se tornando assim, um problema de saúde pública.

Conforme Dimen et al (apud DUNCAN et al, 2004), todas as pessoas que consomem bebidas alcoólicas tem risco de apresentar algum tipo de complicação associada a esse hábito ao longo de suas vidas, isso ocorrerá com maior ou menor probabilidade de acordo com a interação entre os diferentes fatores de riscos, os quais contribuirão com intensidades variáveis de indivíduo para indivíduo.

Com base nos resultados encontrados após a realização dessa revisão bibliográfica, foi possível observar que os usuários de álcool são em sua maioria homens, adulto-jovens e idosos, porém o início do uso está ocorrendo bem mais cedo, antes da adolescência. Indivíduos de classe social mais baixa se destacam como dependentes, e fatores associados como ser fumante e residir na região sul tem relevância, são propícios ao desenvolvimento da dependência ao álcool.

No entanto, a freqüência do alcoolismo não é, ainda, bem conhecida existindo certa carência de estudos sobre o tema, e os estudos existentes referem-se a áreas restritas, sendo que seus resultados não podem ser totalmente generalizados. ²⁴ sobre o assunto é muito restrita, principalmente ao que diz respeito aos anos

Assim sendo, este estudo trás a necessidade de serem realizadas mais pesquisas no Brasil sobre o alcoolismo, sendo que a maioria dos estudos feitos sobre o tema são revisões bibliográficas. E esse assunto é de fundamental importância e urgência, pois apesar da abrangência do sexo masculino e classe social mais baixa, a inserção ao uso de álcool está sendo cada vez mais cedo, o que vai se alastrando para idade adulta jovem e adulta maduro, usuários atuais, e outros fatores como o fumo e a região sul, necessitam de estudo para obter o entendimento dessa associação e poder intervir.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Maria Inez Padula; CASTRO FILHO, Eno Dias De. Sistema de Educação médica continuada a distância. PROMEF, Programa de atualização em medicina de saúde e comunidade. Artemed/Panamericana, Porto Alegre, 2006.

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho: metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

BETTI, Renata. As relações do brasileiro com o copo. Revista Época, São Paulo, v. 1, n. 493, 2007.

BAU, Claiton H. Dotto. Estado atual e perspectivas da genética e epidemiologia do alcoolismo. Ciênc. Saúde Coletiva, vol.7, n. 1, 2002.

CAETANO, Dorival. Classificação de Transtornos Mentais da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Organização Mundial da Saúde. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

CERVO, A. L.; B., P. A. Metodologia Científica. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CESAR, Beatriz A. L. Alcoolismo feminino: um estudo de suas peculiaridades. Resultados preliminares. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, vol.55, n.3, Rio de Janeiro, 2006.

COSTA, Juvenal S Dias Da; SILVEIRA, Mariângela F.; GAZELLA, Fernando K.; OLIVEIRA, Sandro S; HALLAL, Pedro C.; MENEZES, Ana Maria B.; GIGANTE, Denise P.; OLINTO, Maria T. A.; MACEDO, Silvia. Consumo abusivo de álcool e fatores associados: estudo de base populacional. Revista de Saúde Pública, vol.38, no.2, São Paulo, 2004.

DUAILIBI, Sérgio; LARANJEIRA, Ronaldo. Políticas públicas relacionadas às bebidas alcoólicas. Revista de Saúde Pública. 2007; 41(5).

DUNCAN, Bruce B.; GIUGLIANI, Elsa R. J.; SCHMIDT, Maria Inês e Colaboradores. Medicina ambulatorial, conduta de atenção primária baseada em evidências. Artmed., Porto Alegre, 2 ed., 2004.

EDWARDS, G. e LADER, M. (Orgs). A natureza da dependência química de drogas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

FACHIN, O. Fundamentos de Metodologia. São Paulo: Atlas, 1993.

FONTES, Andrezza; FIGLIE, Neliana Buzi; LARANJEIRA, Ronaldo. O comportamento de beber entre dependentes de álcool: estudo de seguimento. Revista de Psiquiatria Clínica, São Paulo, v. 33, n. 6, 2006.

GALDURÓZ, José Carlos F.; NOTO Ana Regina; NAPP, Solange A.; CARLINI, E.A. Uso de drogas psicotrópicas no Brasil: Pesquisa domiciliar envolvendo as 107 maiores cidades do país – 2001. Revista Latino-americana de Enfermagem, n. 13, 2005.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. In: Uso da Biblioteca. 5ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 1999. p.75-88.

GIGLIOTTI, Analice; BESSA, Marco Antonio. Síndrome de Dependência do Álcool: critérios diagnósticos. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v. 26, 2004.

HORTA, Rogério Lessa; HORTA, Bernardo Lessa; PINHEIRO, Ricardo Tavares; MORALES; Blanca STREY, Marlene Neves. Tabaco, Álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero. Caderno de Saúde Pública, 23(4), Rio de Janeiro, 2007.

KARAM, Heliete. O sujeito entre a alcoolização e a cidadania: perspectiva clínica do trabalho. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 25, n. 3, 2003.

LAURENTI, Ruy; JORGE, Maria Helena Prado de Mello; GOTLIEB; Sabina Léa Davidson. Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina. Ciência & Saúde Coletiva, 10(1). São Paulo, 2005.

LEON, Leticia Marin-; OLIVEIRA, Helenice Bosco de; BOTEGA, Neury José. Mortalidade por Dependência de Álcool no Brasil: 1998-2002. Psicologia Em Estudo, V. 12, N. 1, Maringá, 2007

MORAES, Edilaine; Campos, Geraldo M; Figlie, Neliana B; Laranjeira, Ronaldo R; Ferraz, Marcos B. Conceitos introdutórios de economia da saúde e o impacto social do abuso de álcool. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v.28, n. 4,v.1, 2006.

MELONI, José Nino; LARANJEIRA, Ronaldo. Custo social e de saúde do consumo de álcool. Revista Brasileira de Psiquiatria, vol.26, suppl.1 São Paulo, 2004.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do; JUSTO, José Sterza. Vidas Errantes: Uma questão social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, vol. 13, n. 003, 2000.

NEVES, Delma Pessanha. Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20 (1), 2004.

PECHANSKYA, Flavio; SZOBOTA, Claudia Maciel; SCIVOLETTO, Sandra. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. Revista Brasileira de Psiquiatria. 26(Supl I), 2004.

PRIMO, Newton Luiz Numa Peixoto; STEIN, Airtton Tetelbom. Prevalência do abuso e da dependência de álcool em Rio Grande (RS): um estudo transversal de base populacional. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 26, n. 3, 2004.

RAMOS, Sérgio de Paula; BERTOLOTE, J. M. (ORGS). Alcoolismo Hoje. 3 ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

RAMOS, Sérgio de Paula; WOITOWIT, Arnaldo Broll. Da cervejinha com os amigos à dependência de álcool: uma síntese do que sabemos sobre esse percurso. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, vol.26, n. 1, 2004.

RIBEIRO, Marcelo. Organização de serviços para o tratamento da dependência do álcool. Revista Brasileira de Psiquiatria, São Paulo, v.26, n.1, 2006.

RONZANI, Telmo Mota; RIBEIRO, Mário Sérgio, AMARAL, Michaela Bitarello do; FORMIGONI, Maria Lúcia Oliveira de Souza. Implantação de rotinas de rastreamento do uso de risco de álcool e de uma intervenção breve na atenção primária à saúde: dificuldades a serem superadas. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 21(3): 852-861 mai-jun, 2005.

VIEIRA, Denise Leite, RIBEIRO, Marcelo and LARANJEIRA, Ronaldo. Evidência de associação entre uso precoce de álcool e risco de problemas futuros. Revista Brasileira de Psiquiatria, vol.29, n.3, 2007.